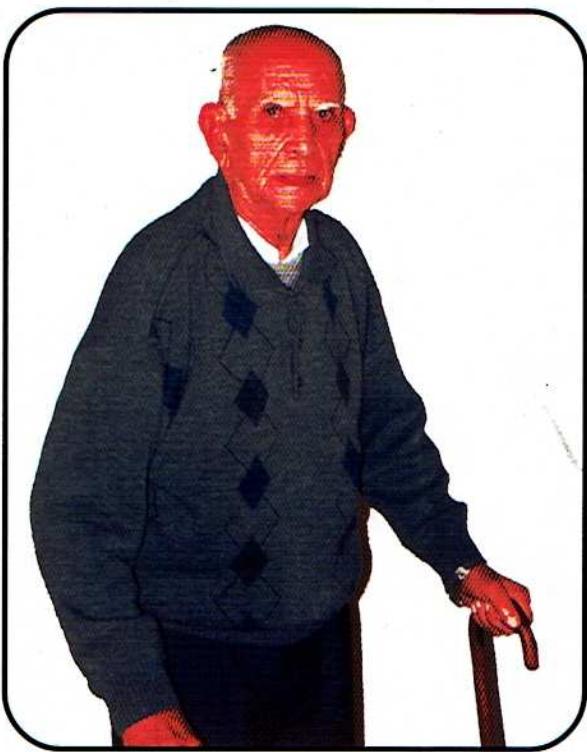


SALESIANOS
INSPETORIA SALESIANA DE SÃO PAULO
INSTITUTO DOM BOSCO
BOM RETIRO



No dia 18/01/2003, às 17h30, no Hospital Paulistano, Pe. Antônio dos Santos, com 85 anos encerra sua missão aqui na terra. Muito feliz nos seus 51 anos de ministério sacerdotal, apesar da luta contra a doença e o desgaste físico, sempre demonstrava um semblante de felicidade pela missão cumprida. Sentia-se plenamente realizado. É o próprio Pe. Antônio quem nos relata um pouco de sua vida:

Meus pais, Vicente dos Santos e Júlia Figueiredo os Santos, casaram-se na cidade de Garanhuns, provavelmente na Igreja de Santo Antônio. Tiveram 8 filhos, 6 mulheres e 2 homens, dos quais eu sou o quarto. Meus pais eram católicos, mas pouco instruídos na religião. Morando sempre retirados das cidades não tinham oportunidades de freqüentar a Igreja mas, todavia, sempre que iam à cidade se lembravam da Igreja.

No ano de 1926 venderam tudo o que possuíam e se transferiram para o estado de São Paulo. De 1926 a 1930 vivemos com muitas dificuldades na condição de assalariados de fazendeiros (bóia-frias). Trabalhamos como lavradores na fazenda Santa América, na cidade de Garça, Presidente Prudente, Usina Miranda e Lins. O trabalho de todos, grandes e pequenos, não conseguia cobrir todas as despesas de armazéns e tudo isto sem possibilidade de freqüentar: igreja, escola e atendimento médico. Em 1930 meus pais decidiram vir para a capital, São Paulo, daí para frente abriram-se as oportunidades e todos trabalhavam e freqüentavam a igreja e a escola.

Em São Paulo cresci no bairro de Santana, de manhã freqüentava o Grupo Escolar de Santana, à tarde trabalhava de aprendiz de sapateiro e de marceneiro, nos domingos, depois da missa e nos feriados, engraxava sapatos nas ruas e à noite vendia balas no cinema, para ter algum trocado.

Em 1931 todos começamos a freqüentar a igreja de Santana. Eu entrei na Liga paroquial (dos coroinhas) e em 1932 comecei a trabalhar numa loja de tecidos e armarinho na Rua Voluntários da Pátria, 417, naquele tempo. O proprietário era um Sírio Libanês: Camillo J. Abdalla e a esposa Rosa Abdalla, gente muito boa.

Em 1933, juntamente com meu irmão Luiz, recebemos o sacramento da crisma, das mãos do Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva. No final de 1933, em conversa com alguns seminaristas que voltavam para as férias e ouvindo o que eles narravam sobre a vida do seminário, me veio o desejo de ir também para o seminário. Mas havia um problema, porque pouco antes disto entre meu pai e minha mãe havia um desentendimento e por isso estavam vivendo separados. De qualquer maneira manifestei à minha mãe a vontade de ir para o seminário.

Fui falar com o pároco de Santana, Pe. Agostinho Poncet, sobre isso. Ele aprovou a minha resolução, mas achou que eu não devia ir para o seminário dele. Então fui com minha mãe aos Jesuítas e também colocaram dificuldades. Por fim com o cônego Pavesio, encarregado das vocações da Arquidiocese, fui aceito e matriculado para o mês de janeiro do ano seguinte em 1934 em Pirapora do Bom Jesus.

Nesta ocasião conheci o Pe. Américo Ceppi, salesiano, nesta época era professor dos teólogos na chácara do Liceu Coração de Jesus, o qual tinha vindo celebrar uma Missa na Igreja de Santana. O pároco, Pe. Poncet, apresentou-me a

ele e depois de conversarmos um pouco ele convidou-me a ir à chácara, onde apresentou-me ao P. Orlando Chaves encarregado das vocações que muito se interessou por mim. Prometeu mandar-me para Lavrinhas, colocando a minha disposição dois estudantes de teologia para dar-me algumas aulas testes. Estes encarregados foram os teólogos: Clovis Vila Nova e Benedito Cardoso.

Como disse antes, meus pais estavam vivendo separados. Conversei com meu pai e disse a ele que desejava ir para o seminário mas com esta situação dele com a minha mãe não era possível eu ir. Ele concordou comigo e voltou a viver em paz com a família.

Depois disso ele começou a freqüentar a igreja, entrando para Ordem Terceira Franciscana e faleceu em 1964 como irmão desta ordem. Minha mãe entrara antes na Ordem Terceira de São Francisco, chegando a comemorar as bodas de prata na mesma ordem e faleceu em 1967. Estando tudo certo com minha família, no fim das férias 1933 fui para o seminário de Lavrinhas onde fiz o curso de admissão ao Ginásio, durante o ano de 1934, nesta ocasião tinha completado 17 anos.

Comecei a freqüentar seriamente os sacramentos seguidos de uma crise de escrúpulos muito grande. Confessava os pecados da vida passada e sempre tinha a impressão que não explicava direito. No fim do ano o Pe. Anibal Lazzari, meu confessor, aconselhou-me a voltar para casa.

Terminei o curso de admissão ao ginásio e voltei para casa. Passei a trabalhar no antigo emprego. Aos domingos e feriados freqüentava o oratório na chácara do Liceu, mas por mais esforço que fazia não conseguia esquecer de Lavrinhas. Pus-me então sob a direção do Pe. Domingos Cerrato que foi sempre um pai para mim e depois de explicar-lhe os motivos que me fizeram deixar o seminário ele se interessou pela minha volta ao mesmo.

O dono da firma onde eu trabalhava era contra a minha volta ao seminário, chegando a prometer abrir uma loja em sociedade com outro meu companheiro de trabalho. Porém a minha decisão era voltar e no fim das férias de 1935 voltei.

Com relação a minha crise de escrúpulos ela continuou em altos e baixos até a teologia. Mas graças aos confessores que tive, Pe. Rodolfo Komorek, Pe. Domingos Cerrato, Pe. Tycner e os diretores que tive consegui superar.

De 1936 a 1940 cursei o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ginásial, em 1941 fiz o noviciado em São Paulo, no Ipiranga e tive como mestres Pe. Ângelo Alberti que faleceu em abril de 1941 e seu substituto foi o Pe. Gastão Mendes do Prado.

Depois da minha primeira profissão no Ipiranga, voltei para Lavrinhas onde fiz no ano de 1942 o 1º ano de filosofia. No fim do ano de 1942 ouviu uma reforma

nos estudos: os que tinham cursado ate o 5º ano ginásial podiam passar automaticamente para o 2º ciclo clássico ou científico. De 1943 a 1944 fiz o 2º e o 3º de filosofia juntamente com o clássico, em Lorena.

Nestes dois anos que passei em Lorena os superiores me confiaram a assistência da limpeza do aspirantado e encarregado do teatro. Nas férias de 1944 me sentia um pouco esgotado, por isso os superiores me mandaram passar férias com os teólogos em Campos do Jordão.

Nesta ocasião recebi do Sr. Pe. Inspetor minha primeira obediência para ir ser assistente e professor no seminário de Jaciguá, estado do Espírito Santo. Mas uma semana depois o inspetor Pe. Orlando Chaves mudou de idéia e me mandou para São João Del Rei. Em 1945 ainda nas férias fiz cirurgia de apêndice antes de assumir a assistência e aulas.

De 1945 a 1947 fiz meu tirocínio no nosso seminário de São João Del Rei, em 1945 assumi a assistência da divisão dos maiores com mais um vice. Lecionei aulas de história geral e do Brasil, geografia geral e do Brasil e desenho para as 4 classes do ginásio, eu era também encarregado do teatro.

Em 1948 fui para São Paulo, Lapa, para começar a teologia e de 1948 a 1951 cursei a teologia no Instituto Teológico Pio XI, foi me dado também o encargo do teatro e nos domingos, a partir do 2º ano, catequista no oratório do Liceu Coração de Jesus, sob a guia do Pe. Avelino Canazza.

A 8 de dezembro de 1951 recebi das mãos de Dom Antônio Siqueira a ordenação sacerdotal, juntamente com mais de 30 ordenandos na catedral provisória de Santa Ifigênia. Minha primeira missa celebrei na Igreja dos Oblatos de Maria na antiga chácara de São Bento e a segunda no colégio de Santa Inês, no Bom Retiro.

Na noite de natal de 1951 cantei a missa na minha igreja de Santana, em seguida voltei para minha inspetoria de Minas Gerais. Em 1952 recebi obediências para ir como catequista e professor em São João Del Rei; meu trabalho de catequista consistia em cuidar da saúde e moralidade dos alunos internos e encarregado do teatro e aulas.

Em 1953 recebi obediência para ir ao colégio de Pará de Minas que formava uma comunidade dividida em 2 partes: 120 seminaristas e 130 órfãos carentes. O meu trabalho era de conselheiro disciplinar das 2 comunidades com as aulas para os seminaristas e encarregado do teatro, ficando neste local de 1953 a 1955. Foi quando recebi obediência do inspetor para ir para nosso seminário de Paraguaçu de Minas como catequista, professor e encarregado do teatro. Permaneci todo o ano de 1956.

Já em 1957 recebi do Pe. Inspetor obediência para me transferir para o nosso

Colégio Cristo Rei em Uberlândia, onde fiquei 10 anos. Chegando a Uberlândia em 1957, minhas ocupações foram as seguintes: conselheiro disciplinar, aulas de história geral e do Brasil, geografia geral e do Brasil e desenho para todas as classes, secretaria e teatro.

Nesta época estávamos construindo o novo Colégio Cristo Rei. Estávamos também em término de construção da paróquia de Nossa Senhora Aparecida a cargo do pároco Pe. Américo Ceppi.

No inicio de 1962 o Pe. Inspetor me impôs a obediência de deixar de trabalhar no Colégio e assumir o cargo de pároco na paróquia de N. S. Aparecida adida ao colégio. Nesta ocasião iniciei a construção das obras sociais que formam um belo conjunto de 2 pavimentos ao lado direito da igreja.

Esta nossa paróquia tinha também 3 comunidades urbanas e 4 comunidades rurais, sendo que todas com capelas e atendimento em finais de semana, com a ajuda dos incansáveis salesianos de nossa comunidade. Comecei também no bairro Bom Jesus a rezar missa por um ano inteiro ao ar livre. No fim de 1962 compramos um terreno próximo do local onde celebrávamos e começamos a construir. Tínhamos querimesse neste local todo final de semana e em 2 anos construímos a igreja do Bom Jesus, espaçosa e confortável. Em 1965 entregamos esta igreja para os Oblatos de Maria (Holandeses) pois o bispo não tinha uma paróquia vacante. Demos tudo gratuitamente, os oblatos assumiram, compraram mais terrenos adjacentes, construíram obras sociais, casa paroquial e, local para as irmãs da mesma congregação que trabalham juntas.

Em abril de 1962 nosso diretor, Pe. Mário Florestan, foi vítima de um acidente e faleceu. Nesta ocasião a construção nova do colégio Cristo Rei, as obras sociais e a igreja do Bom Jesus estavam em acabamento. O Pe. Inspetor mandou um novo diretor mas este não quis assumir a responsabilidade destas construções. Eu ia me virando como podia e com a graça de Deus tudo se concluiu com o apoio incondicional dos amigos paroquianos. Dez anos depois, quando eu ia usufruir aquilo que tinha lutado o Pe. Inspetor me convida a sair de Uberlândia; como ser humano senti muito mas obedeci.

Em 1968 recebi do Pe. Inspetor obediência para trabalhar como econômo na escola Pe. Sacramento em São João Del Rei. Acho que realizei tudo o que a casa precisava, aí fiquei 2 anos. Esta escola mantinha 130 menores carentes enviados de Belo horizonte pela Febem e Funabem.

Em 1970 Pe. Inspetor me fez voltar para Uberlândia como vigário paroquial junto com o novo pároco. Fiquei somente até a semana santa de 1970, pois não consegui adaptar-me com os métodos do novo pároco.

Segui para Belo Horizonte e o Pe. Inspetor mandou-me como vigário paroquial da nossa paróquia Sagrado Coração de Jesus em Vila Nova, Goiânia; a situação era tão crítica que fiquei em Goiânia apenas dois meses.

Voltei para Belo Horizonte pela metade do ano e o Pe. Inspetor me mandou que ficasse no colégio de Belo Horizonte como capelão do hospital Sara Kubichek, capelão, nos finais de semana, do Colégio Pio XII das irmãs salesianas e encarregado dos cooperadores salesianos no setor dos boletins e correspondências. No final de 1970 a sede paroquial Cristo Luz dos Povos, que tinha residência no colégio salesiano, passou a ter sede própria com a igreja e com a casa paroquial no bairro Cabana do Pai Tomaz.

Para lá foram o pároco Pe. José Perfeito, o Pe. Henrique, construtor da igreja e eu como vigário paroquial e econômo. Nesta paróquia situada numa favela fiquei 3 anos e meio. A começar de 1971, 1972, 1973 e parte de 1974.

Comecei a ter problema de plaqueta no sangue. Em 1971 o mal se agravou, fui internado no hospital Felício Roxo mais de um mês, onde depois sofri uma operação de próstata e de um abcesso na altura do abdome. Enfraqueci de tal modo que o pároco telefonou para São Paulo avisando meus parentes. Minhas irmãs vieram imediatamente, vendo o meu estado pediram ao médico para me levar para São Paulo. O médico que me tratava aconselhou que chegando a São Paulo chamassem a Dra. Teresinha Verrastro (sumidade em hematologia). Minhas irmãs a chamaram e depois dos exames me disseram que a única chance de vida seria retirar o baço. Fiquei no Hospital das Clínicas 32 dias, depois de 16 dias de preparação fui operado no dia 12 de outubro de 1971. A convalescência demorada ficou por conta de minhas irmãs, cerca de 4 meses. No começo de 1972 pude voltar para minha casa e paróquia de Belo Horizonte, começando a trabalhar novamente.

No começo de 1974 pedi ao Pe. Inspetor, Pe. Alfredo Carrara, para voltar a minha inspetoria de origem e assim ficar mais perto de meus familiares. No que fui atendido, estando tudo acertado entre os dois inspetores, Carrara e Romano, eu parti de Belo Horizonte para São Paulo depois de 26 anos trabalhando na inspetoria de São João Bosco. Pe. Romano inspetor de São Paulo, mandou que eu ficasse no Instituto Teológico Pio XI como vigário paroquial da paróquia de São João Bosco.

Em 1976 depois de fazer o curso de formação em Barbacena (julho e agosto) Pe. Inspetor me mandou como pároco da paróquia de Santo Antônio de Jundiaí. Aí fiquei até 1978 mais ou menos.

Parte de 1978 a 1979 o Pe. Inspetor me enviou como econômo no Instituto Pio XI, Lapa. Em 1980 Pe. Inspetor me mandou novamente como pároco da paróquia de Santo Antônio e diretor também da casa Cidade dos meninos em Jundiaí.

Pouco antes de 1982 o Pe. Inspetor me faz voltar como ecônomo para o Instituto Pio XI. Em 1984 entreguei por ordem do Pe. Inspetor o economato do Instituto Pio XI ao Pe. Gilberto Pierobom. Durante o ano de 1985 fiquei no Instituto Pio XI ajudando no paróquia, atendendo doentes, capelão efetivo do colégio Santa Clara e capelão de final de semana da Casa Santa Terezinha e Anjo da Guarda das Filhas de Maria Auxiliadora.

Em 1986 fui para o Instituto de Pindamonhangaba. Quando estava livre em casa trabalhava na lavoura e teatro. Meu trabalho principal era atender a todas as capelarias daquela região, lá fiquei 2 anos.

Em 1988 o Pe. Inspetor pediu-me para acompanhar o Pe. Antônio Francisco Lelo para começar um grande trabalho no Jardim Nordeste na zona leste de São Paulo. Fiquei 6 anos trabalhando nessa casa.

Em 1994 pedi ao Pe. Inspetor para me transferir para o Bom Retiro. Em setembro de 1994 sofri o princípio de derrame que me impossibilitou de trabalhar como gostaria, contudo seja feito sempre a Vontade de Deus".

Depois de acompanhar este belo relato da vida e dos feitos do Pe. Antônio, para todos queremos afirmar que no curto espaço de tempo que convivemos com o Pe. Antônio vimos nele uma pessoa rica de virtudes e de dons. Podemos comprovar o mesmo através dos mais variados depoimentos dos diversos amigos que o visitaram e que estiveram presentes no velório:

Pe. Antônio sempre foi uma pessoa de muita bondade, simplicidade e humildade; de grande disponibilidade para servir e ser útil a todos; de grande respeito pelas pessoas e de grande senso de responsabilidade na execução de suas obrigações.

Sempre vibrou com sua missão entre os jovens e usou plenamente de todas as suas qualidades artísticas dedicando-se na produção, encenação e direção de muitas peças teatrais com os jovens.

Pe. Antônio no exercício de seu ministério sacerdotal sempre se empenhou com muito cuidado na preparação de suas pregações e das celebrações. Era admirável a disponibilidade em exercer o ministério da confissão e orientação das pessoas.

Embora parecesse sempre muito sério e carrancudo na sua expressão facial era um homem de muita bondade e amor incondicional às pessoas. Tinha no peito um coração aberto e sensível, sabendo criar amizades e reunir as pessoas ao redor de si criando sempre um ambiente de paz e alegria.

Distinguiu-se pelo amor a Eucaristia, a Maria Auxiliadora e a Dom Bosco. Na vida comunitária sempre foi uma presença incentivadora da união, da fraternidade e do encontro.

Pe. Antônio sempre cultivou um grande amor à sua família de origem. Levava todos nós para encontros com a própria família e assim partilhamos de momentos de muita alegria e descontração.

Certamente teríamos ainda muitas coisas bonitas para serem descritas. Mas sabemos que todos os que conheceram o Pe. Antônio têm uma característica especial que o tocou profundamente em relação a sua simpática pessoa. Verdadeiramente existem pessoas que passam pela vida da gente e deixam marcas profundas. Pe. Antônio na sua simplicidade marcou profundamente a cada um de nós.

Agradeçamos a Deus o grande presente que Ele nos concedeu na pessoa do Pe. Antônio dos Santos por tudo o que ele nos transmitiu, ensinou e nos ajudou a cultivar no coração.

Que Pe. Antônio na presença de Deus, junto de Nossa Senhora Auxiliadora e de Dom Bosco interceda por esta Obra e pelos jovens e crianças que ele tanto amou.

Em nome da comunidade do Instituto Dom Bosco - Bom Retiro.

*Pe. Justo Ernesto Piccinini.
São Paulo, janeiro de 2003*

DADOS PARA O NECROLÓGICO

PE. ANTONIO DOS SANTOS

- * 30/11/1917 - Garanhuns - PE.
- + 18/01/2003 - São Paulo - SP.
- 51 anos de vida sacerdotal e
- 61 anos de profissão religiosa.